

**VIVENCIAR, BRINCAR E DIALOGAR:  
Relato de experiência em práticas terapêuticas com crianças e orientação parental**

**ESTHER SANTOS MENDES MELO**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

**GEANE LISBOA PEREIRA**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

**JOANA MOUTINHO ALMEIDA**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

**CARMEM VIRGÍNIA MORAES DA SILVA**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

**Resumo**

O referido relato tem por objetivo elucidar uma experiência prática advinda do componente curricular “Técnicas de Psicoterapia com Crianças”, com a proposta de ofertar um grupo de Vivências Terapêuticas para as crianças e um grupo de Orientação Parental para os responsáveis pelas crianças. Face ao exposto, buscou-se proporcionar um espaço de escuta e acolhimento, fomentando momentos de interação entre as crianças a fim de promover desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Para isso, tornou-se indispensável enxergá-los para além de uma situação problema ou de um diagnóstico, ressaltando as suas potencialidades e capacidades, de modo a corroborar para o desenvolvimento da consciência de si e do mundo ao seu redor e adquirirem autonomia para lidar com circunstâncias diversas. No grupo com os responsáveis foi feito acolhimento das demandas e manejo por meio de psicoeducação e orientação. Por conseguinte, serão descritos o desenvolvimento desta prática realizada em cinco encontros. Durante esse período, foi alcançado o principal objetivo de abordar as demandas apresentadas e incentivar o diálogo entre os participantes.

**Palavras-chave:** Criança. Orientação Parental. Psicoterapia Infantil.

**Abstract**

The aforementioned account aims to elucidate a practical experience stemming from the curricular component "Techniques of Psychotherapy with Children," with the proposal to offer a group of Therapeutic Experiences for the children and a Parental Guidance group for those responsible for the children. In light of the above, the goal was to provide a space for listening and support, fostering moments of interaction among the children to promote the development of socioemotional skills. To achieve this, it became essential to see them beyond a problematic situation or a diagnosis, emphasizing their potentialities and abilities, in order to contribute to the development, not only of self-awareness, but of the world around them, and to acquire autonomy to deal with various circumstances. In the group with the responsible parties, demands were addressed and managed through psychoeducation and guidance. Therefore, the development of this practice carried out in five sessions will be described. During this period,

the main objective of addressing the presented demands and encouraging dialogue among the participants, was achieved.

**Keywords:** Child. Parental Guidance. Child Psychotherapy.

## 1. Introdução

A fim de desenvolver uma prática terapêutica grupal com crianças, fez-se necessário trabalhar em conjunto com os pais ou responsáveis com o objetivo de promover uma vivência terapêutica que fosse mais eficaz, afinal, a família é uma das “maiores influências no processo de desenvolvimento infantil” (Gonçalves et al., 2020, p. 364). Além disso, Sousa e Filho (2008, p. 2) pontuam que:

O ambiente familiar é o ponto primário da relação direta com seus membros, onde a criança cresce, atua, desenvolve e expõe seus sentimentos, experimenta as primeiras recompensas e punições, a primeira imagem de si mesma e seus primeiros modelos de comportamentos – que vão se inscrevendo no interior dela e configurando seu mundo interior.

Nessa perspectiva, é importante ter presente que, diferente do que diz o senso comum, o processo de parentalidade não é natural, mas uma construção. Eventualmente os pais encontram dificuldades na educação parental, uma vez que o desenvolvimento de uma criança suscita desafios específicos de cada fase. Em concordância com essa pontuação, Souza e Veríssimo (2015, p. 2) acrescentam que “o Desenvolvimento Infantil é parte fundamental do desenvolvimento humano, destacando-se que, nos primeiros anos, é moldada a arquitetura cerebral, a partir da interação entre herança genética e influências do meio em que a criança vive”.

Partindo desse pressuposto, a orientação parental surge para auxiliar nesse processo por meio de uma educação positiva que consiste no respeito, afeto e aprendizado mútuo (Pereira, 2022). Portanto, é substancial o acompanhamento psicológico para assim facilitar as dificuldades enfrentadas durante a educação das crianças, respeitando sua subjetividade e implicando os pais, responsabilizando-os como principais colaboradores da criação dos seus filhos.

A realização desta intervenção promoveu direcionamentos para os pais criarem um ambiente adequado e se comunicarem de maneira eficiente. Dessa forma, os pais desenvolvem ferramentas com o objetivo de serem pilares para as crianças terem a possibilidade de mergulharem em um mundo de descobertas e transformações. A realização da prática com as crianças tem grande importância, pois proporciona a promoção de saúde por meio de atividades

lúdicas que possibilitam a identificação de emoções como frustração, agressividade, medo e ressignificar eventos facilitadores de conflitos.

Para a estruturação e condução das atividades, estabeleceu-se como objetivo geral viabilizar a promoção de vivências terapêuticas em grupo para o público infantil, utilizando recursos e técnicas específicas. Aprofundando os objetivos, buscou-se possibilitar a exploração de temáticas vivenciadas pelas crianças, compreendendo as emoções e percepções associadas a esses momentos e identificando as estratégias desenvolvidas para enfrentar tais situações. Além disso, proporcionou-se, por meio de brincadeiras livres e estruturadas, um espaço para interações entre as crianças e para a expressão das emoções decorrentes dessas experiências.

Para viabilizar as atividades práticas, o Núcleo de Defesa da Criança e do Adolescente (NDCA) desempenhou um papel intermediário na seleção dos participantes, estabelecendo um diálogo com a ONG Sementes do Amanhã. Foram considerados pré-requisitos como idade e a percepção dos benefícios que poderiam ser oferecidos às crianças e responsáveis vinculadas à ONG. Com isso, a proposta foi encaminhada à coordenação da referida organização. Após a sinalização positiva, promoveu-se uma mobilização junto às famílias para garantir o número necessário de participantes.

Os grupos de pais e crianças foram organizados em ambientes distintos para possibilitar oferta das vivências terapêuticas, proporcionando espaços adequados para a expressão e interação dos participantes. Um dos grupos foi constituído por crianças com idades entre quatro a doze anos, de ambos os sexos, apresentando demandas variadas. Para a seleção desses participantes, bastava enquadrar-se na faixa etária estabelecida. O segundo grupo era formado pelos pais ou responsáveis pelas crianças, não havendo critérios pré-estabelecidos para a participação. Os responsáveis apresentavam idades variadas e eram de ambos os sexos, embora a presença e o engajamento fossem predominantemente femininos. O ponto comum entre eles era a vinculação com a ONG Sementes do Amanhã e a residência no mesmo bairro da cidade em questão.

Ao transcorrer da prática, foram utilizadas diferentes técnicas frente a necessidade apresentada por cada grupo. Posto isso, no grupo de orientação parental recorreu-se a técnicas de dinâmicas de grupo, mediação da palavra, escuta atenta e empática, rodas de conversa, observações, avaliações do contexto microssocial e orientações, a fim de acompanhá-los no processo de educação dos filhos. É importante destacar que todas as técnicas utilizadas eram previamente organizadas, estruturadas e definidas pelo grupo responsável pela mediação do encontro. Tendo isso em vista, as técnicas foram escolhidas com o propósito de promover uma

maior integração entre os participantes do grupo, viabilizar um espaço de identificação no processo de maternagem, estimular a circulação da palavra e fomentar debates e trocas de experiências. Ademais, vale pontuar que as ferramentas utilizadas foram essenciais para o desenvolvimento do grupo, uma vez que os participantes perceberam que são protagonistas das suas vivências, e que o processo de criação dos filhos pode se tornar mais fácil mediante o compartilhamento e a troca de experiências.

Em contrapartida, os encontros realizados com as crianças tiveram um desdobramento diferente em virtude da necessidade do lúdico para a aprendizagem e interação com as crianças. A metodologia adotada consistiu no uso de técnicas de expressões artísticas e corporais, bem como técnicas de produção manual como forma de exteriorização e compartilhamento das vivências.

## 2. Desenvolvimento

### 2.1 - Orientação Parental em Grupo: Procedimentos, Resultados e Discussão

A orientação parental foi destinada à compreensão dos comportamentos das crianças, perpassando pelas diferenças cognitivas e biopsicossociais na medida em que vão se desenvolvendo.

O primeiro encontro de orientação parental com os responsáveis contou com a participação de cinco mães. Inicialmente, houve a apresentação das estagiárias, seguida pela apresentação individual de cada participante. Para essa atividade, cada mãe recebeu uma folha de ofício e uma caneta, sendo solicitado que descrevessem suas características pessoais e, em outro tópico, se apresentassem enquanto mães, detalhando suas respectivas particularidades. Após o período de escrita, foram realizadas perguntas que incentivaram o diálogo sobre as particularidades apresentadas. Com essa dinâmica, objetivou-se promover uma reflexão sobre como as participantes se percebem e se definem ao desempenharem dois papéis distintos: o de indivíduos com singularidades próprias e o de mães, papéis estes que, embora distintos, são indissociáveis.

Diante dessa conjectura, procurou-se identificar e explorar as queixas apresentadas e as expectativas em relação ao processo que se iniciava. Além disso, o objetivo era solicitar aos responsáveis que descrevessem as características positivas de suas crianças, visando aflorar não somente os pontos negativos e queixas apontadas, bem como as potencialidades e singularidades de cada uma delas.

Por fim, no último momento deste encontro realizou-se uma dinâmica com balões, nesta, os pais eram convidados a encherem um balão e desenharem características dos seus filhos e

posteriormente imaginar situações do cotidiano que as crianças poderiam vivenciar e manusear os balões de acordo com as emoções despertadas. As situações expostas abordaram temáticas sobre o comportamento do filho em sala de aula, em parques, casas de familiares e as diferentes formas que essas crianças poderiam ser tratadas nesses locais, bem como o seu desempenho escolar, desenvolvimento e demonstração de afeto. O propósito dessa dinâmica era, através de um momento de descontração e leveza, promover uma reflexão sobre os cuidados que exercem enquanto pais em diversas situações e compreender quais os sentimentos que são despertados em momentos de independência e autonomia dos seus filhos.

Nesse momento, as mães comentaram que ficaram reflexivas sobre a quantidade de características positivas dos filhos, e que estas são superiores em número diante das dificuldades enfrentadas. Esse momento foi importante para que as mães pudessem visualizar, além de reconhecer o desenvolvimento e as habilidades dessas crianças. Já em relação ao que esperavam desses encontros, relataram buscar um espaço de aprendizagem, para haver trocas de experiências sobre as vivências, dificuldades e estratégias de enfrentamento diante de determinadas situações.

Como resultado desse encontro, foi possível perceber a articulação entre mães presentes no grupo, dialogando entre si e compartilhando o que haviam produzido em cada dinâmica, suas experiências, dificuldades e estratégias para lidar em determinadas situações, motivando o debate e contribuindo para a produção de novas perspectivas em grupo.

Além disso, algumas temáticas ganharam destaque, sendo elas: o debate sobre a presença ativa dos pais no processo de criação e educação dos filhos; a dificuldade em estabelecer um vínculo de confiança mútua com suas crianças; como ajudá-los no seu período de desenvolvimento, respeitando os aspectos de cada fase e impasses enfrentados na diferença de valores e opiniões que são ensinados em casa.

É importante destacar que apenas as mães participaram do processo de orientação parental. Concomitantemente aos relatos, a participação dos pais de forma passiva na vida dos filhos é uma falta que gera a sobrecarga na maternidade. Em meio a tantas exigências, esse processo pode provocar impactos na vida da mulher, como a realização de outras funções, além do papel de mãe. Em concordância com esse pensamento, Winnicott (2020, p. 3) aponta que:

No início da vida, o ambiente é representado pelos cuidados maternos oferecidos pela mãe ou seu substituto. A partir do atendimento das necessidades básicas do bebê, tanto físicas como psicológicas, dá-se início ao seu processo de amadurecimento

pessoal, estabelecendo-se as bases para a sua inserção gradual em outros ambientes.

Com base nesse fundamento compreende-se que a mulher precisa de uma rede de apoio para exercer o papel de mãe, seja representada pelo parceiro, família, entre outros, é imprescindível o apoio durante a maternidade, para suprir as necessidades da mãe. Com isso, analisando as falas das participantes, observa-se que sentem as consequências da distância da figura paterna, acentuando as dificuldades e sobrecarga.

No segundo encontro de orientação parental, as mediadoras se reuniram com um grupo de seis mães para abordar temas relevantes, incluindo as emoções das crianças, diagnóstico e responsabilidades dos filhos em casa. O diálogo também se estendeu à discussão sobre as expectativas e realidades que influenciam a experiência materna. Antes de dar início às atividades, as mediadoras procederam à apresentação às mães que não puderam comparecer ao primeiro encontro.

Inicialmente, foram abordadas as expectativas e realidades das vivências com os filhos, promovendo uma troca de experiências entre as mães acerca das responsabilidades e organização doméstica. À medida que a discussão avançava, as mães trouxeram à tona o tema da sobrecarga, compartilhando as dificuldades enfrentadas devido à falta de participação ativa de seus parceiros. Nesse contexto, as participantes identificaram-se entre si e compartilharam estratégias para serem aplicadas com seus filhos, sentindo-se acolhidas ao compartilhar os enfrentamentos experienciados na maternidade.

Nessa perspectiva, foi feita uma dinâmica utilizando cartolina, onde os responsáveis foram orientados a fazerem rabiscos com tinta. A dinâmica teve como objetivo exemplificar as emoções dos seus filhos, uma vez que ao pensar nas emoções de uma criança imagina-se uma tela em branco. No entanto, essas emoções são como uma cartolina cheia de rabiscos com muitas cores, bagunçadas e sem forma. Sendo assim, as dificuldades que as crianças enfrentam em dominar os sentimentos evidencialmente é consequência do que elas não conhecem. Foi orientado que a tarefa dos pais é ensinar aos filhos a distinguir suas emoções, nomear o que está sentindo para haver reconhecimento do que é raiva, medo, ansiedade, vergonha, entre outros.

Dessa maneira, o momento propiciou interação entre as mães, além dos relatos de como observam a falta de controle dos seus filhos em determinadas situações e como elas assemelham-se na dificuldade de dominar seus sentimentos. Adicionalmente, utilizou-se a metáfora da esponja em água tingida para ilustrar como as crianças absorvem influências externas, corroborando as observações das mães sobre as dificuldades emocionais compartilhadas.

Diante desse cenário, o foco foi identificar as demandas das mães em relação às queixas escolares sobre seus filhos e como lidam com tais questões. Foram mencionados comportamentos como nervosismo, hiperatividade, agressividade e dificuldade em aceitar negativas. Uma mãe relatou ter recebido comunicados e encaminhamentos da escola, levando a um diagnóstico de autismo moderado leve após consultas com neurologista, psiquiatra e psicólogo. Atualmente, seu filho recebe acompanhamento psicológico e manifesta os comportamentos supracitados em crises. Outra mãe compartilhou experiência semelhante com suas duas filhas diagnosticadas com autismo moderado leve, destacando os desafios enfrentados com a escola e a falta de preparo desta para lidar com suas filhas, e que frequentemente ela é chamada para buscá-las na instituição.

Em suma, foi apresentado um quadro, que delineava as expectativas de participação nas tarefas domésticas para cada faixa etária, contrastando com a realidade relatada pelas responsáveis das crianças.

Destacou-se com isso, a relevância das tarefas domésticas no desenvolvimento infantil, impulsionando habilidades motoras, a colaboração, fortalecendo a autonomia e autoconfiança das crianças, para assim, potencializar a organização e a criação de hábitos. Dessa forma, salientou-se a necessidade de adequar as atividades à idade e capacidade da criança, evitando sobrecarga ou tarefas perigosas. Enfatizou-se também a importância de orientar a criança previamente, com paciência e oferecendo assistência quando necessário.

No terceiro encontro, observou-se um decaimento no número de participantes, contando com a presença de duas mães. Esta diminuição tende a ser atribuída às dificuldades de deslocamento, ao tempo gasto no transporte e às atividades laborais dos responsáveis, fatores que podem contribuir para a falta de adesão no grupo. No encontro em questão, foram abordados os temas: comportamentos replicados entre irmãos, ciúmes, diferença de idade e paternidade.

Inicialmente, foi discutida a maneira como os irmãos imitam os comportamentos uns dos outros. As mães relataram observar tanto imitações positivas quanto negativas por parte dos filhos mais novos em relação aos comportamentos dos irmãos mais velhos. Elas enfatizaram a importância de evitar comparações ou competições entre os irmãos, ao mesmo tempo em que incentivam os primogênitos a servirem como modelos para os mais novos, visto que se tornam figuras de identificação. Diante disso, foi fornecida orientação sobre as condutas a serem evitadas para prevenir conflitos, como a comparação negativa e a disputa pela atenção dos pais. Foi destacada a necessidade de elogiar cada filho de forma individual, sem estabelecer

comparações baseadas em parâmetros positivos que não se aplicam ao outro. Por exemplo, frases como “Seu irmão é mais obediente e carinhoso do que você, você deveria ser igual a ele” podem impactar negativamente a autoestima e dificultar a admiração mútua entre os irmãos.

Além disso, foi destacada a importância de incentivar o envolvimento e a participação dos irmãos mais velhos nos cuidados com o irmão mais novo. Demonstrou-se que essa estratégia pode reduzir o ciúme entre eles, além de facilitar a construção de vínculos afetivos e promover um sentimento de união. Essas interações são fundamentais para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e para a redução de conflitos, especialmente quando as crianças enfrentam situações de frustração, uma vez que desentendimentos entre irmãos são comuns. Por meio dessas experiências, as crianças têm a oportunidade de aprender valores essenciais, como respeito e empatia, e de desenvolver mecanismos para a resolução de problemas, contribuindo para o seu amadurecimento pessoal e social.

Durante as reflexões das responsáveis, predominantemente mulheres no dia em questão, foi expressado o desejo de uma participação mais ativa por parte dos pais na criação dos filhos, destacando que se sentiriam menos sobrecarregadas com uma maior colaboração paterna. Elas compartilharam as dificuldades associadas à maternidade e enfatizaram o processo contínuo de aprendizado e autorreflexão para se tornarem melhores mães, reconhecendo suas próprias falhas e preocupações. Nesse contexto, foi abordada a necessidade de desmistificar a imagem da maternidade, contrastando-a com as expectativas sociais. Foi ressaltado que ser mãe é apenas uma das muitas facetas da identidade feminina e que, como seres humanos, as mães fazem o melhor que podem em suas circunstâncias individuais. Foi enfatizado que ninguém nasce pronto para ser mãe ou pai e que é essencial permitir que as mulheres desempenhem diversos papéis em suas vidas sem culpa, incluindo outras funções além da maternidade.

Assim, uma das mães compartilhou uma reflexão sobre o sentimento de culpa associado à maternidade de múltiplos filhos, reconhecendo a tendência de sentir identificação ou preferência por um filho em detrimento do outro. Ela discutiu as estratégias que está implementando para superar esse sentimento e evitar demonstrar favoritismo entre os filhos. Nesse contexto, ela destacou a importância de dedicar tempo à família e criar memórias afetivas significativas. Para isso, mencionou que reserva um dia específico na semana para reunir toda a família e vivenciar momentos de união. As outras mães presentes no encontro identificaram-se com essa abordagem e enfatizaram os benefícios que observam ao dedicar um dia exclusivo para fortalecer os laços familiares.

## 2.2 Encontros de Vivência Terapêutica Infantil em Grupo: Procedimentos, Resultados e Discussão

No primeiro encontro, nos apresentamos e desejávamos que as crianças também o fizessem, por isso, cantamos uma música para desejar as boas-vindas para cada um que estava ali. Nesse encontro, tínhamos o propósito de trabalhar as habilidades socioemocionais e o manejo das emoções. Para esse fim, realizamos algumas técnicas de dinâmicas de grupo objetivando-se explorar qual o entendimento que elas tinham a respeito dessas temáticas e como experienciavam esses processos. É oportuno frisar que a escolha do grupo de trabalhar essas temáticas deve-se à importância do desenvolvimento das competências socioemocionais para o manejo das emoções nas diversas esferas da vida. Segundo Oliveira e Muszkat (2021, p. 91):

É chamado de competências socioemocionais um conjunto de habilidades fundamentais para o desenvolvimento global dos indivíduos que envolve aspectos socioafetivos, emocionais, comportamentais e morais. É por meio desse conjunto de competências que os indivíduos conseguem modular o seu comportamento, dando respostas mais adequadas durante as relações sociais comuns do cotidiano, sejam elas familiares, sejam escolares, ou em qualquer outro núcleo social que esteja inserido.

Outrossim, as habilidades socioemocionais são divididas em três categorias, sendo elas: a cognitiva, a comportamental e a emocional/afetiva. Em resumo, essas subdivisões visam trabalhar com a resolução de problemas intra e interpessoais, com a habilidade de refletir sobre os próprios pensamentos, a flexibilidade para a resolução de conflitos, a capacidade de entender as diferenças individuais e grupais (Oliveira; Muszkat, 2021). Além disso, também é possível trabalhar o reconhecimento das suas próprias emoções, adquirindo a habilidade de nomeá-las e aceitá-las, o manejo dos impulsos e de comportamentos agressivos, empatia e a importância de comportamentos cooperativos para com os outros (Oliveira; Muszkat, 2021).

Partindo dessa premissa, escolhemos a técnica “As Emoções da Música”, que consistia em reproduzir algumas músicas que abordassem diferentes emoções, como alegria, tristeza e raiva. O intuito dessa atividade era trabalhar com as crianças que as músicas, assim como as diversas situações da vida, podem provocar em nós sentimentos diferenciados e que é normal senti-los. Nesse momento, também pedimos que eles se expressem corporalmente de acordo com as emoções que sentiam ao ouvirem as músicas, o que poderia ajudá-los a reconhecer e a identificar os sentimentos experienciados.

Outrossim, também utilizamos a “Sacolinha das Emoções”, que tinha um objetivo semelhante à técnica anterior. Dispusemos cinco sacolas plásticas com os personagens do filme “Divertidamente” coladas em cada uma, e cada figura representava um sentimento, sendo eles: alegria, vergonha, raiva, tristeza e medo. Nisso, apresentávamos situações cotidianas, e cada

um recebia uma bolinha para colocar na sacola que correspondesse às emoções que sentiram diante da situação vivenciada.

A partir da realização dessa prática, percebeu-se que as crianças apresentavam um bom repertório para expressarem as suas emoções, externando-as através de danças para representarem seus sentimentos, ou através da verbalização. Ainda no desenrolar dessas atividades, as mesmas crianças, quando decidiram participar, apresentavam emoções que não eram condizentes com as situações, gerando um espaço para conversar sobre a origem dessas emoções, o contexto delas e a possibilidades de novas formas de agir e sentir.

Para o encerramento deste encontro, escolhemos fazer um momento de “mini cinema” com as crianças. Apresentamos o curta “La Luna” - um curta metragem de aproximadamente 7 minutos, onde um garoto, seu pai e avô realizam um trabalho peculiar de varrer estrelas da lua em um bote de madeira. O garoto, inicialmente indeciso entre imitar o pai ou avô, enfrenta um problema durante a tarefa. Entretanto, uma adversidade surgiu no trabalho que eles desenvolviam rotineiramente, e a criança, surpreendentemente, ao expressar criatividade e autenticidade, encontra uma solução para ajudar a sua família. Nesse momento, tivemos a oportunidade de discutir algumas temáticas relevantes, e as crianças se mostraram bastante atentas à apresentação.

Arrumamos o espaço, projetamos o curta em uma TV e fizemos pipoca para que o momento se assemelhasse a um cinema. Ao iniciarmos a apresentação, perguntamos às crianças quais os nomes poderiam ser dados aos personagens – visto que poderíamos usar a criatividade deles, já que o curta não trazia essa informação. Elas nomearam a criança de Pedro, o avô de Francisco, e o pai de Joaquim. Após o final do curta, perguntamos às crianças o que haviam entendido a respeito do que assistiram, e elas pontuaram que a criança ajudou a família e que ela se divertia nessas atividades. Dada a oportunidade, conversamos sobre a contribuição das crianças nas tarefas domésticas, e, para a nossa surpresa, elas conseguiram elencar várias atividades que faziam em casa, se mostrando participativas nessas tarefas.

Outrossim, trabalhamos sobre a participação das crianças nas tarefas de casa, como elas podem usar da criatividade para colaborar com a família e a possibilidade de um ‘problemão’ ser transformado em um ‘probleminha’. É válido pontuar que essa mesma temática surgiu em um encontro com os pais, os quais comentaram que os seus filhos contribuía bastante nessas atividades. Nesse momento, destacamos os benefícios que a participação em responsabilidades, dentro do que pode ser exigido de uma criança, é importante para desenvolver habilidades e crucial para o amadurecimento dos filhos.

Apesar dos aspectos positivos observados, uma criança compartilhou as tarefas domésticas que realiza e a frequência com que as realiza. Em vista disso, buscamos compreender mais profundamente a situação desta criança, que compareceu ao encontro responsável por cuidar de três irmãs. Esta responsabilidade estava limitando sua capacidade de participar em atividades lúdicas e educativas. Diante desta realidade, solicitamos à mãe presente no encontro que assumisse o cuidado do bebê que a criança estava segurando. Após essa intervenção, observamos uma maior liberdade e engajamento por parte da criança em questão.

Ademais, também trabalhamos o fato da criança do curta ter desenvolvido uma estratégia para colaborar com a família. Quando começamos a falar sobre isso, três crianças expuseram que gostam de ajudar em momentos em casa, e que elas sempre têm boas ideias para contribuir.

Para finalizar, entregamos uma estrela de papel laminado, que se parecia com as estrelas do curta, e pedimos que elas desenhassem os seus maiores sonhos nela. Após isso, analisamos que os sonhos ali externalizados eram desejos concretos, pois, por vezes eram brinquedos que queriam ganhar, ou viagens que queriam fazer.

Dito isso, é válido acrescentar algumas considerações observadas ao longo do encontro que dificultou o melhor desenrolar desses momentos. Antes de tudo, sentimos dificuldade logo ao perceber a discrepante diferença de idade entre as crianças presentes. Nesse primeiro momento, tínhamos desde bebês e crianças mais novas que ainda não tinham desenvolvido uma linguagem verbal até adolescentes. Diante dessa problemática, faz-se mister comentar que é crucial para o grupo terapêutico que:

[...] os jovens estarem na mesma faixa de desenvolvimento, considerando que as crianças e adolescentes se encontram em uma fase de desenvolvimento especialmente dinâmica. As mudanças ocorrem de forma muito veloz, e a diferença entre as fases, mesmo em intervalos de idade aparentemente pequenos, pode ser enorme (Reddy, 2012, *apud* Neufeld; Daolio; Longhini, 2015, p. 18).

No último encontro da prática com as crianças tínhamos alguns direcionamentos para trabalharmos, visto que já haviam conteúdos que emergiram nos outros encontros. Dessa forma, a primeira técnica utilizada foi a Dinâmica do Espelho – que consistia em apresentar uma caixa fechada com um espelho dentro, onde era pedido ao participante que ele falasse qualidades a respeito da pessoa que ele estava vendo dentro da caixa. Ao ver a imagem revelada, as pessoas tinham que manter sigilo até que todos abrissem a caixa e vissem o que tinha dentro.

Com isso, objetivou-se gerar nas crianças a reflexão sobre si, estimular a autoestima e compreensão de que todos são únicos, visto que uma das temáticas apontadas por eles era o conflito em lidar com aspectos físicos dos seus corpos, sendo, por vezes, alvos de *bullying*.

Através desta atividade, observamos que as crianças tinham dificuldade em dizer as características ao seu respeito, sendo necessário o nosso incentivo para o seguimento da atividade. A cada participação, falávamos aspectos para ajudá-los no reconhecimento das suas potencialidades. Foi interessante perceber que, no geral, as crianças acreditavam que as pessoas na caixa eram as suas respectivas mães. Após isso, usamos o espaço para reforçar as singularidades de cada um, frisando como essas características são importantes e sobre como desenvolver uma autoimagem positiva pode ajudá-los a aceitar melhor quem eles são

Após a aplicação dessa técnica inicial, seguimos com o propósito de trabalhar melhor o *bullying*. Por isso, a técnica de dinâmica seguinte foi “Papel Amassado - *Bullying* Não!”, que consistia em pedir que as crianças usassem papéis em branco e fizessem desenhos neles, após isso, deveriam amassar as folhas, jogá-las no chão e pisar sobre elas. Em seguida, pedimos desdobrassem os papéis e tentassem restaurá-los o máximo que conseguissem. E, ao perceberem que não seria possível restaurar o papel, conversamos sobre as consequências do *bullying*, marcas que ele causa e a importância de não ser um reprodutor dessas práticas.

Com o desenrolar dessa dinâmica, observamos que as crianças ali presentes já foram alvo de *bullying* na escola, e que se sentiam tristes diante disso. Em contrapartida, eles nos diziam que sempre quando alguém os xingavam e/ou batiam eles retaliavam. Diante dessas falas, lembramos como o papel havia ficado danificado após ser amassado, e que, por conta disso, ele nunca voltaria ao seu estado original. Nesse momento, enfatizamos a importância de não perpetuar essas práticas, e de não fazer ao outro o que não gostaríamos que fizessem conosco.

Seguindo essa lógica, apresentamos a brincadeira do “Feitiço contra o Feiticeiro”, onde pedimos aos participantes que pensassem em prendas que não fossem perigosas para que o colega do lado pudesse realizá-las. Após pensarem e nos contarem, nós revelamos que, na verdade, a própria criança deveria realizar o que desejou para o colega.

Em continuidade à atividade, duas crianças inicialmente se opuseram a realizar a prenda desejada. Dada a oportunidade, questionamos as referidas crianças o porquê, e o momento se tornou propício para trabalharmos o nosso objetivo final – que era falar com eles sobre a importância de tratar o próximo como gostaria de ser tratado. Após isso, eles decidiram colaborar e participaram do momento com todos. Foi reproduzido alguns sons para ajudar no momento das prendas, visto que a maioria havia pedido para que os colegas imitassem animais. No desenrolar, as crianças riram muito e pediram para ouvir mais sons.

A fim de concluir esse encontro, pensamos em realizar uma atividade em que todos pudessem “deixar as suas marcas”, por meio da reprodução do desenho das suas mãos, e, quando concluído, todos poderiam colocar essas criações para a construção de uma flor - composta pelo trabalho em conjunto. Por fim, entregamos um cartaz para todas as crianças e pedimos que elas desenhasssem o contorno das suas mãos, depois fizemos os cortes na cartolina.

Para efetuar a atividade, proporcionamos um espaço em que eles puderam desenhar, recortar e pintar de forma livre. Eles usaram lápis de cor e alguns desenhavam unhas pintadas, anéis, flores, enquanto outros desenharam símbolos do rock e brinquedos. Após cada um realizar a sua arte, começamos a desenhar o caule da flor para que todos pudessem fazer a colagem das suas mãos. Enquanto isso não era feito, percebemos-os comparando as artes produzidas e até querendo eleger qual era a mais bonita.

Nesta ocasião, expressamos que todas as produções eram importantes, e que, justamente por serem diferentes, elas eram bonitas. Diante disso, dialogamos sobre a expressão criativa de cada um e a importância que cada criança tem para que a flor pudesse ser completada. Ao final, fizemos a colagem, agradecemos pela colaboração e tempo compartilhado, e informamos que ainda teríamos mais um momento para encerrarmos o nosso trabalho.

Depois dessa atividade seguimos com o planejamento de realizar um piquenique no Orquidário do município de Vitória da Conquista - BA, organizado pelas mediadoras e pela equipe do NDCA. O objetivo era compartilhar um momento conjunto entre os pais e as crianças, proporcionando experiências em um espaço diferente do cotidiano. Observamos que tanto as crianças quanto os pais se maravilharam com o lugar escolhido e com esse último momento. Nesse cenário, nos assentamos para conversar com os pais, compartilhar experiências, tocar músicas e aproveitar o momento. No final, as crianças receberam um presente do NDCA – uma lembrancinha com giz de cera e desenhos. Eles foram brincar e correr no espaço, e dessa forma se findou a nossa prática.

### 3. Considerações Finais

Destarte, urge salientar a importância de práticas psicológicas para o público infantil, fortalecendo o desenvolvimento e a criação de novas habilidades da criança, explorando as suas competências e promovendo um espaço para discussão de demandas emergentes. Além disso, tais práticas propiciam momentos de brincadeiras livres e estruturadas favorecendo a expressão de sentimentos e vivências das crianças, o que, conseqüentemente, acaba refletindo no seu brincar. Diante disso, a área da psicologia infantil se apresenta como um campo de múltiplas possibilidades de atuação com inúmeras ferramentas à serem utilizadas.

Isso posto, as vivências terapêuticas com as crianças se qualificaram como um espaço de manifestação das suas emoções, sentimentos e insatisfações, destacando a resistência de algumas crianças em participar das atividades, em contraponto ao engajamento apresentado por outras, denotando as singularidades de cada um, observadas no decorrer dos encontros. Ademais, por meio das brincadeiras livres e estruturadas, tornou-se factível conhecer melhor cada criança e as queixas apresentadas, promovendo uma escuta empática e buscando entender junto a elas os significados e sentimentos que permeavam cada fala.

Similarmente, considerando a integralidade da criança, torna-se primordial ao realizar intervenções terapêuticas, estabelecer um contato direto com os pais ou responsáveis com o intuito de promover uma atuação em conjunto, conhecer o núcleo familiar na qual ela está inserida e a dinâmica dessas relações. À vista disso, a orientação parental revela-se como uma ferramenta muito eficaz neste processo, contribuindo para discussões acerca da relação familiar, compartilhando informações e experiências, propiciando psicoeducação, e oportunizando um espaço de escuta e acolhimento das suas demandas.

Alicerçados nesses propósitos, conclui-se que os encontros de orientação parental se mostraram bastante produtivos, contando com a participação ativa das mães, trocas de experiências e momentos de escuta das suas demandas. Tornando-se também um espaço de aprendizagem e de diálogo entre as diferenças, onde expressaram as dificuldades e realizações no processo de criação das crianças, destacando as potencialidades das participantes.

Por fim, a quantidade reduzida de encontros e as impossibilidades relacionadas ao deslocamento evidenciam empecilhos encontrados durante as atividades. Por isso, os encontros realizados não esgotam em si as possibilidades de atuação junto ao grupo. Deste modo, após a conclusão deste período de intervenção, alçam-se novas possibilidades, como tecer meios para viabilizar a promoção de uma vivência terapêutica infantil a longo prazo.

#### 4. Referências Bibliográficas

GONÇALVES, J. C., DELVAN, J. S.; OLIVEIRA, A. J., ABBUD, A. S., LOOS, V. N.; BORTOLATTO, M. O. (2020). Grupos de orientação parental: Um relato de experiência. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 9, 364-373. 2020.

LUCKAS, R. Psicoterapia infantil: tudo que você precisa saber sobre o assunto. 2017. **Vittude**. Disponível em: [Psicoterapia infantil: tudo que você precisa saber sobre o assunto! \(vittude.com\)](https://vittude.com). Acesso em: 07/11/2023.

NEUFELD, C. B.; DAOLIO, C. C.; LONGHINI, L. Z. Desafios da terapia cognitivo comportamental em grupo com crianças e adolescentes. **Terapia cognitivo-comportamental em grupo para crianças e adolescentes**, p. 17-34, 2015.

OLIVEIRA, P. V.; MUSZKAT, M. Revisão integrativa sobre métodos e estratégias para promoção de habilidades socioemocionais. **Revista Psicopedagogia**, v. 38, n. 115, p. 91-103, 2021.

PEREIRA, R. **Educação Positiva**. p. 1-22, 2022.

PEREIRA, V; LEITÃO, H. Sobrecarga e rede de apoio: a experiência da maternidade depois da separação conjugal. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 15, n. 1, p. 1-12, 2020.  
SOUZA, A. P.; MÁRIO, J. F. A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 44, n. 7, p. 1-8, 2008.

SOUZA, J; VERÍSSIMO, M. Desenvolvimento infantil: análise de um novo conceito. **Revista latino-americana de enfermagem**, v. 23, p. 1097-1104, 2015.

Autor 1:



Nome Completo: Esther Santos Mendes Melo  
Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Discente voluntária do Projeto de Extensão: Programa de intervenção voltado para promoção e tratamento em saúde mental de jovens e adultos – UESB.  
Email: [estherm3lo57@gmail.com](mailto:estherm3lo57@gmail.com)  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5774018034672608>.  
Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-5188-2143>.

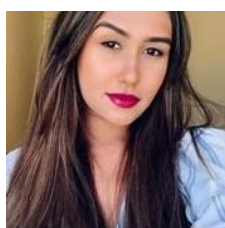
6055

Autor 2:



Nome Completo: Geane Lisboa Pereira  
Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Discente voluntária do Projeto de Extensão: Programa de intervenção voltado para promoção e tratamento em saúde mental de jovens e adultos atendidos na clínica escola de psicologia da UESB.  
Email: [geanelpereira@gmail.com](mailto:geanelpereira@gmail.com).  
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8578656577306322>  
Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-2681-8147>.

Autor 3:



Nome Completo: Joana Moutinho Almeida  
Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Extensionista no Núcleo de Defesa da Criança e do Adolescente - UESB. Extensionista voluntária no Tratamento de Saúde Mental de Jovens e Adultos com Desregulação Emocional Grave - UESB.  
Email: [joanamoutinho4@gmail.com](mailto:joanamoutinho4@gmail.com)  
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8825109324576431>  
Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-0756-7985>

Autora 4



Carmem Virgínia Moraes da Silva  
PhD em Psicologia, Professora Titular da Universidade Estadual da  
Bahia – UESB.

E-mail: [carmem.virginia@uesb.edu.br](mailto:carmem.virginia@uesb.edu.br)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0139351935811805>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4792-9939>